

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS POSSE
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

EDILEIDE MARQUES RIBEIRO SPINDOLA
IVETE LIMA NASCIMENTO FLEURI

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: A FALA DE MORADORES DA CIDADE DE
POSSEGOIÁS PROCEDENTES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO BACO
PARI E SUA INCLUSÃO SOCIAL.

POSSE-GO
2015

EDILEIDE MARQUES RIBEIRO SPINDOLA

IVETE LIMA NASCIMENTO FLEURI

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: A FALA DE MORADORES DA CIDADE DE POSSE-
GOIÁS PROCEDENTES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO BACO PARI E
SUA INCLUSÃO SOCIAL.**

Monografia apresentado à Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Posse, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português/ Inglês.

Orientadora: Professora Especialista Édia Maria de Souza Costa Melo.

POSSE-GO

2015

Dedico este trabalho ao meu esposo
Robson, minha filha Vitória, minha sogra e
a minha cunhada Cíntia.

Edileide Marques Ribeiro Spindola.

Dedico este trabalho ao meu esposo,
minhas filhas Luana e Ludmilla e aos
meus pais.

Ivete Lima Nascimento Fleuri.

Eu, Edileide Marques Ribeiro Spindola, agradeço a Deus por tudo. Agradeço meu esposo Robson e minha filha Vitória que tem sofrido minhas ausências e meu estresse, a minha cunhada Cintia. Sou grata à minha colega Ivete que é uma grande amiga, a minha orientadora Édia Maria de Souza e todos os professores que colaboraram para minha formação. Agradeço ao meu pai e irmão Gleis.

Agradeço a todos os componentes da UEG que o senhor possa guiar cada um dando sabedoria e força. Obrigado Senhor.

Eu, Ivete Lima Nascimento Fleuri, agradeço ao meu bom Deus, por ter me dado forças para continuar e chegar até aqui. Quero agradecer também aos meus pais Nilton e Anderi pelo apoio que me deram. Ao meu esposo Alessandro por ter me ajudado a continuar, pois sem seus sábios conselhos já teria desistido. Agradeço à minhas duas filhas por existirem em minha vida, e pela graça dos seus sorrisos. Quero agradecer a minha companheira de trabalho Edileide. Agradeço a minha grande orientadora Édia Maria, por nos aceitar como orientandas, e pela compreensão e disponibilidade de nos receber a qualquer hora.

A língua é o meio pelo qual o homem expressa as suas ideias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence - enfim ela é um retrato de seu tempo.

Edmilson José de Sá

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é identificar os aspectos fonéticos da realidade linguística dos moradores da cidade de Posse oriundos da Comunidade Quilombola do Baco Pari, com base em dados coletados na localidade. O processo utilizado na análise dos vocábulos estudados foi por meio de metaplasmos, que são processos sofridos na evolução das palavras. Essas modificações fonéticas dividem-se em: metaplasmos por aumento, por supressão, por transposição e por transformação, porém nem todos estes processos ocorreram ao longo das análises. Aborda também sobre a real inserção destes moradores no meio urbano. Fundamentados na teoria de Ferdinand de Saussure com a Linguística, passando por um percurso de correntes teóricas até a chegada da Sociolinguística com William Labov. As diferentes variações linguísticas, a língua como fator de identificação cultural e o tratamento da variação linguística no ensino, são também assuntos deste estudo, bem como um breve histórico da passagem dos negros no Brasil no período colonial, fazendo uma linearidade com a história da formação da comunidade quilombola e fatores de imigração para a cidade de Posse. Na sequência foi feita uma pesquisa de campo para identificar as nuances do dialeto dos moradores da comunidade quilombola e dos moradores na cidade de Posse oriundos da CQBP (Comunidade Quilombola do Baco Pari) para identificar as variações ocorridas de acordo com o ambiente e as relações sociais.

Palavras-chave: Língua; Comunidade Quilombola; Vocábulos; Variação Linguística.

ABSTRACT

The aim of this research is to identify the phonetic aspects of the linguistic reality of the residents in Posse arising from the Quilombo Community BacoPari, based on data collected in the locality. The process used in the analysis of words was studied through metaplasms, which are sustained processes in the evolution of words. These phonetic modifications are divided into: metaplasms by increasing, for removal by transposing and processing, but not all of these processes occur during the analysis. Also touches on the real integration of these residents in urban areas. Based on Ferdinand de Saussure's linguistic theory, through a course of theoretical currents until the arrival of Sociolinguistics with William Labov. The different language variations, the language and cultural identity factor and the treatment of linguistic variation in teaching, are also subjects of this study, as well as a brief history of the passage of blacks in Brazil during the colonial period, making a linearity with the history of formation the maroon community and immigration factors for the city of Posse. Following, a field survey was made to identify the dialect of the nuances of the inhabitants of the Quilombo community and residents in the city of Posse coming from CQBP to identify the variations according to the environment and social relations.

Keywords: language; Quilombola community; Words; Variation Linguistic

LISTA DE ABREVIATURAS

CQBP: Comunidade Quilombola do Baco Pari.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Troca do (e) pelo (i) e aumento do (r) . Ex: Iscarda	36
GRÁFICO 2: Troca de (r) por (s) . Ex: Posta	37
GRÁFICO 3: Troca de (n) por (nh) . Ex: Ônhibus	38
GRÁFICO 4: Supressão da vogal (i) Ex: Cadera, pexe	39
GRÁFICO 5: Supressão do (r) no final. Ex: Tratô	40
GRÁFICO 6: Nasalação. Ex: Ingreja	41
GRÁFICO 7: Troca de (L) por (r) . Ex: Bicicreta, brusa	42
GRÁFICO 8: Troca do (e) por (i) . Ex: Vistido, istrela	43
GRÁFICO 9 : Supressão do (nh) . Ex: Mioca	44
GRÁFICO 10 : Troca do (o) por (u) .. Ex: Sapu	45
GRÁFICO 11 : Supressão do (o) . Ex: Arvre	46
GRÁFICO 12 : Redução do fonema (m) . Ex: Nuve	47
GRÁFICO 13: Troca do (lh) por (i) . Ex:Paiaço	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: SOCIOLINGUÍSTICA: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO	15
1.1 As diversas variações linguísticas: conceitos	17
1.1.1 Variações externas ou extralinguísticas	18
1.1.2 Variações internas da língua ou intralinguísticas	20
1.2 Língua, um fator de identificação cultural	21
1.3 Variação linguística e o ensino	23
CAPÍTULO 2: UMA CONCISA VIAGEM PELO TEMPO	26
2.1 Formação da Comunidade Quilombola do Baco Pari e fatores de imigração ...	28
2.2 O dialeto dos moradores da cidade de Posse, provindos da Comunidade Quilombola do Baco Pari	31
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	33
3.1 Origem dos dados para composição da pesquisa	33
3.1.1 Pesquisa na Comunidade Quilombola do Baco Pari	33
3.1.2 Pesquisa com moradores da cidade de Posse provindos da Comunidade Quilombola do Baco Pari	34
3.2 Comparação dos vocábulos e análises dos gráficos	35
CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

O Brasil é dono de uma miscigenação grandiosa, composta por vários dialetos e culturas, que variam de uma região a outra. Deste modo, tem-se neste país uma quantidade significativa de remanescentes de escravos que ainda hoje moram afastados, em pequenos povoados intitulados *Quilombo*, consistindo a grande maioria em diversas famílias de mesma etnia.

A Comunidade Quilombola do Baco Pari, situada próxima à cidade de Posse Go, é um quilombo remanescente de escravos que possui uma forma peculiar de articulação de certos vocábulos, sendo este modo de falar que os caracteriza. Pois, a linguagem deste povo é um fator determinante, ao passo que se torna um elemento importante de identificação nacional e regional. Com isso, percebe-se que o português brasileiro não é falado da mesma maneira em todas as regiões.

Pretende-se neste trabalho trazer a problemática da inserção social deste grupo, e se de fato aderiram à norma padrão, já que relações estabelecidas entre diferentes grupos sociais podem influenciar na variação linguística. Nesta interrelação, os valores sociais e culturais são acionados, e como a sociedade é dinâmica, a língua também é flexível.

Com isso, se objetivou a comparar a variação linguística baseada em algumas palavras faladas por moradores da comunidade Quilombola do Baco Pari com os moradores procedentes desta mesma comunidade residentes na cidade de Posse -Go. Deste modo, verificar as reais mudanças linguísticas advindas do processo do êxodo de alguns remanescentes, à sua possível aculturação, e abrangendo também que a variação linguística é uma realidade da língua.

A variação presente neste grupo social tem atenção especial neste trabalho, por se tratar de um grupo de pessoas, que ainda sofrem o estigma do preconceito, em uma sociedade que se diz atualizada. Observa-se assim que, o tema em estudo é de suma importância para toda a sociedade e, principalmente, para os futuros professores

desta região, fazendo-se necessário uma análise mais detalhada do modo peculiar que eles utilizam para se comunicarem. Isso porque, são recebidos nas escolas, nas diferentes fases de ensino, indivíduos remanescentes desta comunidade, que necessitam da aquisição do vocabulário formal, para sua real inserção no meio escolar e no mercado de trabalho, como também o respeito à sua identidade cultural.

O trabalho de pesquisa apresenta no primeiro capítulo uma abordagem significativa do breve histórico da Sociolinguística, bem como as correntes teóricas que a antecederam, apresentado de início a sistematização da Linguística com Ferdinand de Saussure até chegar às teorias de William Labov, com a criação da sociolinguística. E logo adiante, a abordagem das diversas variações divididas no meio social e no âmbito escolar.

No segundo capítulo é apresentada a história dos negros no Período Colonial e, em seguida, a história da Comunidade Quilombola do Baco Pari, abrangendo todo seu histórico de povoação até os dias de hoje, como luta, conquista, imigração para a cidade de Posse e a língua falada após esta imigração.

O terceiro capítulo aborda a metodologia e procedimentos utilizados. E para isso foi relevante à pesquisa de campo, para então relatar a história da Comunidade Quilombola do Baco Pari e a imigração de seus procedentes para a cidade de Posse. Com a análise das falas dos dois grupos sociais, tanto dos que permanecem na comunidade quanto os que mudaram para a cidade, é possível chegar à verificação exata dos dados e descobrir se o modo de falar daqueles que se mudaram para a cidade se diferenciou dos demais.

Diante das análises das falas dos dois grupos sociais, foi possível perceber que a variação linguística é uma realidade de nossa língua, e que essa variação ocorreu mediante os diversos fatores, que influenciou nessa mudança linguística, como as mídias, contato com outros grupos sociais, seja na escola ou no meio em que vive.

1 SOCIOLINGUÍSTICA: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

Para um enfoque sobre Sociolinguística é indispensável que se aborde antes sobre a Linguística, já que a primeira se trata de uma das ramificações da segunda, com um caráter inovador em relação à língua. Apesar da língua já ter sido assunto de linguistas no fim do século XIX, foi com Ferdinand de Saussure no século XX que a linguística se tornou mais sistemática.

Ferdinand de Saussure, linguista suíço, em sua obra *Curso de Linguística Geral* ofereceu uma série de termos, apresentando-os em pares, para então por em ordem nos estudos linguísticos, dando um caráter mais sistematizado. Estas colocações receberam o nome de dicotomias, que são: língua e fala, sincronia e diacronia, significado e significante, sintagma e paradigma.

Nesta linha de estudo, a língua é analisada sincronicamente e diacronicamente, onde ela é desligada de sua história e afastada de fatores externos, de cunho social. —Saussure admite que a língua seja um fenômeno social, produto de uma convenção estabelecida entre os membros de determinado grupo; porém, os fatores externos ao sistema são deixados de lado por elell (COELHO *et al*, 2010, p.14). Sobre o conceito de sincronia e diacronia, este mesmo autor afirma que,

Correspondem a dois eixos ou perspectivas pelas quais se pode estudar a língua: na sincronia, se faz um recorte da língua em um momento histórico (presente ou passado), como se fosse um registro fotográfico que capta as relações entre os elementos do sistema, tomando-se a língua como um estado do qual se exclui a intervenção do tempo; na diacronia, a língua é analisada como um produto de uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo, portanto como algo mutável, dinâmico. E a perspectiva sincrônica, segundo Saussure, que permite o estudo científico da língua. (IDEM, p. 13)

Após postular seu estudo sobre a linguagem, Saussure afirma que esta tem o lado individual e social, sendo impossível imaginar um sem o outro. O lado social é denominado língua e o individual fala. Porém, para ele a língua era vista de forma homogênea. Todo este estudo desenvolvido faz parte da corrente linguística denominada de estruturalismo.

A partir de 1960 nos Estados Unidos, a corrente designada como gerativismo toma destaque com Noam Chomsky, dando um caráter mais sofisticado à linguística. Segundo esta corrente, a língua era vista como o conhecimento mental que o falante tinha de sua língua, que para este estudioso consistia —a linguagem, específica da espécie, é adquirida como resultado do desencadear de um dispositivo inato, inscrito na mente do ser humano. É uma adoção genética, e não um conjunto de comportamentos verbais (GOMES, 2009 p.24). Conforme Coelho *et al* (2010)

De fato, a concepção estruturalista de língua de Ferdinand de Saussure fez muito no sentido de elevar a linguística à posição de campo científico pleno, com objeto e método definidos. Chomsky sofisticou ainda mais os objetivos dessa ciência ao propor que a faculdade da linguagem é um componente universal e inato da espécie humana, cujas regras poderiam ser descritas a partir da análise das construções gramaticais (aceitáveis) de línguas diversas. No entanto, tanto estruturalistas quanto gerativistas deixam de lado as possíveis influências externas (históricas, sociais, ideológicas etc.) [...]. (p.19)

Tanto a abordagem estruturalista como a gerativista analisa a língua como um fator abstrato, desvincilhada de fatores históricos e sociais. Sendo estes considerados de maior projeção na linguística. Saussure, ao diferenciar a língua da fala e sugerir a sistematização dos estudos linguísticos com o foco no estudo da língua, notou a necessidade de uma linguística da fala. Este estudo deveria tratar da heterogeneidade da língua, se preocupando com a individualidade e multiplicidade da fala. No entanto, foi somente nos anos de 1960 que nasceu verdadeiramente a sociolinguística, onde os estudos se passaram a se embasar na questão da relação entre língua e sociedade, com William Labov nos Estados Unidos.

A sociolinguística então vem contribuir para a compreensão da língua através de sua relação com a sociedade e de como a língua muda de acordo com os contextos e os relacionamentos sociais. Ela passa, então, a se ocupar com assuntos como variação e mudança linguística, bilinguismo, contato linguístico, línguas desprivilegiadas, entre outras. É importante também ressaltar que:

A Sociolinguística é uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, fronteira entre língua e sociedade,

focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA 2008, p.9).

A partir de então, os métodos de Labov passaram a ser utilizados para análises de várias línguas, sob a perspectiva de análises de variação e tratamento estatísticos dos dados. Desta maneira, muitos estudos foram realizados em várias partes do mundo para análises das variedades linguísticas de várias línguas.

No ano de 1960, William Labov, com a criação da sociolinguística, iniciou uma série de investigações no que concerne à variação linguística, revolucionando a visão de como os falantes utilizavam a língua. Na visão deste estudioso, toda língua possui variação, e ainda demonstrou que essa modificação estava relacionada a fatores como classe social, sexo, etnia, idade e estilo.

A variação linguística consiste nas diferenças que uma mesma língua apresenta, por assim existir grupos socioeconômicos e geográfico-culturais diferentes. De certo modo, por esses grupos também possuírem modos próprios de falar e de viver, caracterizando assim os dialetos regionais, culturais e sociais. Diante do exposto, pode-se afirmar que a língua passa por influências de fatores sociais e históricos, acarretando na heterogeneidade linguística, seja dentro de um mesmo idioma ou entre línguas distintas. Nesse sentido, Sá (2007, p. 23) afirma que —a variação linguística se refere ao alcance das diferenças entre as línguas do mundo.

É por meio da comunicação que os indivíduos aprendem sua função na sociedade. Quando o indivíduo nasce, ele é, automaticamente, inserido num contexto socioeconômico cultural já existente e, na medida em que cresce, compartilha um processo de socialização que o transforma num falante de uma determinada variedade da língua, pela influência do meio social em que vive.

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. (PCN, 2001, p.23)

Assim, os indivíduos aprendem sua função social e adquirem sua identidade cultural por meio do processo de comunicação, no qual eleger os seus diversos comportamentos, como o que falar, onde, em qual momento e como se diz. Durante o processo de fala, sua estrutura social é vivificada, ocasionando na formação de características peculiares do indivíduo, visto que seu modo de falar é identificado como a maneira de viver de seu grupo social e do lugar onde mora.

1.1 As diversas Variações Linguísticas: Conceitos

As Variações linguísticas estão incluídas em duas vertentes, sendo elas variações linguísticas externas, que estão fora da estrutura da língua, e as variações internas, pertencentes às estruturas da língua, porém não atuando de forma isolada.

Os fatores externos ou não linguísticos são: variação regional ou diatópica, variação social ou diastrática, variação estilística e diafásica e, por último, variação na fala e na escrita ou diamésica. Já os fatores internos são linguísticos ou intralinguísticos, ou seja, são encontrados no interior da língua, e se dividem da seguinte maneira: morfológico, sintático, lexical e fonológica.

1.1.1 Variações externas ou extralinguísticas

Variação regional ou diatópica

Essa variação consiste na identificação da origem de uma pessoa no modo como fala, pois é possível perceber quando um falante é gaúcho, nordestino, carioca dentre outros. Mas que referência tem-se para chegar ao teor desta distinção? Em geral, pode-se dizer que esta distinção está relacionada com alguns itens particulares, como traços fonológicos, fatores lexicais, amostras de entonações, correspondendo assim que falantes de diferentes regiões apresentem dialetos diferentes de uma mesma língua.

Variação social ou diastrática

Os fatores que influenciam nessa variação são os de cunho social, relacionados ao grau de escolaridade, gênero, faixa etária e nível socioeconômico. No grau de escolaridade, os falantes que possuem um nível mais alto de estudo tendem a usar a forma padrão com mais desenvoltura como, por exemplo, na frase —nós fomosll, que muitas vezes os falantes não ou pouco escolarizados usariam —nois foill.

Nesta perspectiva, Mollica *et al* (2008) afirma que:

A observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Contata-se que, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. (p.51)

A escolarização do falante influencia muito, uma vez que a escola é um veículo de aprendizado por apresentar a forma padrão da escrita e da fala. Em relação ao gênero, a variação consiste na questão de que as mulheres são mais conservadoras ao usar a língua do que os homens. Gomes (2009, p.72) afirma que existe certo preconceito em relação à linguagem feminina, sendo a fala desta classe mais fraca que reflete insegurança, isso só mostra que as mulheres, além de mais delicadas, tendem a usar uma linguagem mais suave. A variação nesse sentido consiste também na questão de que os —homens possuem voz mais grave e mais baixa; mulheres possuem voz mais aguda e uma oitava mais alta que a voz masculinall (MOLLICA, p.33).

A faixa etária é uma questão a se refletir sobre a variação linguística e mudança linguística, pois —os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigasll (MOLLICA *et al*, 2008, p. 43). Enquanto isso, os falantes jovens tendem a usar sentenças e gírias do momento, como afirma Gomes (2009):

É de conhecimento geral que a língua dos jovens tem toda uma característica que estabelece uma marca e os tornam capazes de participar de um grupo. O falar jovem é caracterizado pelo uso de gírias específicas da idade, do grupo

em se insere e da época. Sim porque as gírias dos jovens, muito mais que a linguagem padrão, muda com o tempo. (p. 70)

A linguagem com gírias é uma característica, porém, essas expressões podem envelhecer com as pessoas que as utilizam, o que acontece é que as gírias são fatores que podem ocorrer em diversas épocas. O nível socioeconômico é relativo à posição social do falante, no qual aquele que possui um alto padrão na sociedade opta pelo uso da língua culta, enquanto as pessoas de camadas sociais mais baixas optam por utilizar as variantes coloquiais. Isso correlaciona às diversas camadas sociais existentes no país.

Variação estilística e diafásica

Essa variação está relacionada ao contexto em que se insere o falante, pois em cada situação ele tende a adequar sua fala, ou seja, o falante assume diferentes papéis na sociedade. A maneira que se fala em casa é diferente da que se utiliza em outros ambientes, como no trabalho, na igreja, na escola e com os amigos. A questão de adequação está relacionada ao contexto formal e informal. Em situações mais formais monitora-se a fala, pendendo-a para a língua culta, já em situações informais a tendência é o uso da forma coloquial.

Variação na fala, na escrita ou diamésica

A variação diamésica refere-se à diferenciação de como a língua é escrita e falada, que de certo modo há divergências entre as duas. A língua falada tem uma maneira mais improvisada e espontânea, enquanto que a língua escrita exige certo planejamento, esta é uma forma mais monitorada, o que permite a escolha das palavras certas e dos sinais de pontuação. De certa forma, um texto escrito tem um aspecto mais formal, por exemplo, a palavra —técnicoll se escreve desta forma, na fala pronuncia-se —tequinicoll.

1.1.2 As variações internas da língua ou intralinguísticas.

As variações internas estão relacionadas aos diferentes níveis gramaticais.

Variação morfológica

A morfologia se ocupa das palavras quanto a sua estrutura e formação, bem como as flexões e classificação. A variação desta categoria gramatical ocorre pela alteração sofrida no morfema (unidade mínima significativa) de uma palavra. Tem-se, por exemplo, a desinência “*ndo*” que compõe os verbos no gerúndio, como na forma —Correndoll, e muitas vezes este mesmo verbo é dito —correnoll, fazendo parte da forma não padrão da língua. Percebe-se então que na palavra exemplificada houve redução para **no**, com a queda do fonema /**d**/ .

Variação sintática

Esta variação corresponde à sintaxe, que é a organização das palavras para a formação de frases. Nas frases, *Eu vi ele no cinema*/*Eu o vi no cinema*, tem-se na primeira sentença o uso do pronome (**ele**) do caso reto, que é bastante utilizada na língua portuguesa brasileira e aceitável, mas é a segunda forma que está de acordo com a norma padrão, sendo correto usar o pronome oblíquo (**o**).

Variação lexical

Por mais que a variação lexical seja um fator interno da língua, ela possui caráter extralinguístico, pois está relacionada a fatores culturais, etnográficos e históricos. Isso se dá devido a um mesmo elemento possuir vários nomes, correlacionado pela cultura de cada um, idade e região. Como exemplo, seguem os seguintes vocábulos: abóbora, jerimum; mandioca, aipim, macaxeira; pão francês, pão de trigo, cacetinho; polenta, angu. Estas palavras são utilizadas de acordo com a região a que pertence o indivíduo.

Variação fonológica

A fonologia estuda os sons da palavra, analisando as diferenças entre os sons que formam as palavras de uma língua, sem dar atenção de como os falantes emitem estes sons. Gomes (2009, p.33) diz que a fonologia descreve toda a estrutura sonora da língua: seus segmentos consonantais e vocálicos, estrutura silábica, acentuação, ritmo e entonação. A fonética, por outro lado, trata da concretização desses sons pelo falante, no contexto da fala ou da percepção.

Quando se menciona que a língua portuguesa possui 19 segmentos consonantais, isto é ocupação da fonologia. E quando se diz que o fonema /s/, em final de sílaba é realizado como [s] na maioria dos brasileiros, e como [ʃ], isto é com um chiado, no dialeto carioca, trata-se da fonética, ou seja, está relacionado aos sons de cada letra.

Um exemplo de variação bem comum é a troca do **lh** por **i**, em palavras como: palhaço (paiaço), palha (paia), mulher (muié) entre outras. Esse fenômeno é chamado de despalatização, que é a perda de palatização. Enfim, é possível perceber que a variação da língua consiste em um campo vasto, tanto da variação interna quanto externa, pois ambas seguem com grande relevância, para que seja possível entender as diferenças ocorridas e suas influências, de tal modo que cada uma delas faz parte do repertório de comunicação.

1.2 Língua: um fator de identificação cultural

Para haver uma relação convincente entre língua e cultura, é necessário partir pela definição de ambos. O termo língua é sinônimo de idioma, fala e dialeto, e a palavra cultura segundo Lyons (2009) é o sinônimo de civilização. Santos (1996, p.7) aborda que —ao discutirmos sobre cultura temos sempre em mente a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existênciall. Acerca destas definições, que relação poderia ter entre esses fatores? Cada civilização tem a sua língua, sua

cultura, seus ideais e seus costumes, dando assim uma individualidade a cada grupo social.

Entre outras representações, a língua é fator preponderante de uma cultura. Sendo assim cada língua é um vasto sistema diferente dos outros no qual são ordenadas culturalmente as formas e as categorias pelas quais as pessoas não só comunicam como também analisam a natureza e os tipos de relações e de fenômenos. Conforme os PCNs, abordando sobre o tema da Pluralidade Cultural (2001)

São exemplos, a relação do ser humano com a organização de seu grupo, consagrado, o mágico, o sobrenatural, a relação com o patrimônio cultural, tudo o que o precede e sucede. Trata de fatores que caracterizam a existência da cultura, especificidade exclusiva da vida humana. (p.42)

A língua é considerada um ponto importante da heterogeneidade cultural, pois ela não é somente um meio de comunicação, mas representa o próprio arranjo das expressões culturais, além de ser a ponte para o crescimento intelectual e pessoal do ser humano, na transmissão de valores e compreensão de mundo. Porém, há um fato a se pensar, que consiste em a língua adaptar-se ao ambiente, ou seja, o indivíduo poderá então se aculturar quando estiver sobre a influência de outra cultura. Sabe-se que a língua pode ser considerada um fator de identificação cultural, no entanto, ela pode mudar de acordo com a interação da sociedade. Cada região do Brasil apresenta uma cultura diferente que, conseqüentemente, é percebida pela língua, religião, tradição, entre outros, e como já foi mencionado, a língua é que mais se sobressai.

Cada região brasileira possui sua característica linguística demonstrada por meio de seu dialeto, com uma entonação representativa do local, no entanto, cada uma destas regiões sofreram, no passado, influências de outros países, pode se dizer então que uma mesma língua possui resquícios de diferentes culturas? A resposta a esta pergunta é sim, pois —a população nacional foi constituída com contingentes originários de várias partes do mundo, refletindo no plano culturalIII.

(SANTOS, 1996, p. 18).

1.3 Variação Linguística e o ensino

É de suma importância que se aprenda a heterogeneidade da língua na escola, propiciando condições para o desenvolvimento integral da educação linguística dos alunos,

A variação linguística tem que ser objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir ou condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes (...). (BAGNO, 1999, p.16)

Nas práticas pedagógicas dos professores devem constar estudos sobre a variação linguística, com o objetivo de instruir os alunos sobre as diversas variações existentes nos diversos grupos sociais de seu país, para que os mesmos venham a compreender e não discriminar aqueles falantes que não utilizam a norma culta. A inserção da variação nas práticas do professor se torna mais pertinente quando o educador percebe que, em sua sala de aula, existem variações, que são notadas pela fala.

A admissão da variação linguística como conteúdo na escola aguçará a curiosidade do aluno para a averiguação. Com isso, ele se interessará na extensão da língua em uso apresentada pela variação quanto ao estudo linguístico, que é visto, por exemplo, nos gêneros do discurso, que se torna um exemplo real da dinamicidade da língua, podendo ser encontrados registros formais e informais, no qual os alunos deverão reconhecer em quais situações deverão utilizá-los.

A variação linguística que de fato é defendida por muitos estudiosos se opõe a gramática normativa dizendo que a mesma virou um mito, ao ensinar os alunos a escrever melhor, com mais exatidão, desse modo, o professor enfrenta um desafio acerca disto. Gomes (2009) assegura que:

O papel de professor é bastante complicado nesse conflito, porque a sociedade, principalmente os pais dos alunos, cobra esse ensino da gramática através de regras, da mesma forma como eles foram ensinados, o que não significa que dominem a língua – a maioria, com certeza, não. (p.82)

A proposta não é extinguir a gramática normativa da escola, e sim fazê-la mais aberta à diversidade linguística e aos fatores que a influenciam, familiarizando o aluno, fazendo-o compreender os diversos usos da língua. Já Mussalim e Bentes (2001) diz o seguinte sobre a gramática normativa ensinada nas escolas:

[...] estudar gramática é estudar as regras que regulam —a norma culta, é saber o que pode ser dito e o que não pode— que costuma ser visto quase como sinônimo do que pode ser escrito e do que não pode. Ensinar gramática, nessa concepção, é ensinar língua que por sinal, é ensinar norma culta, o que significa ensinar a desprezar outras variedades – não só por ignorá-la, mas por considerá-las inferiores. A gramática aí tem caráter prescritivo e discriminatório: para a gramática normativa, é errado todo uso de linguagem que esteja fora dos padrões linguísticos estabelecidos como ideais. (p.235)

A importância de se ensinar a variação linguística na escola está na afirmação de que o Brasil é miscigenado e que possui muitas variedades dialetais. Estas são identificadas de forma geográfica e social, pela maneira de falar. Embora sejam diferentes, todos devem ser respeitados e tratados igualmente, sendo que há falantes que não possuem o conhecimento da norma culta, levando consigo essas formas coloquiais para escola, acarretando assim no preconceito linguístico.

Os PCNs de Língua Portuguesa (1997) defendem que a escola deve apresentar esse preconceito como parte do objetivo educacional mais amplo para o respeito à diferença, ensinando aos alunos que existem várias formas de se comunicar, se livrando de alguns mitos de que existe uma única forma de se falar.

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido.(PCNs – LP, p.26)

Conforme Mollica *et al* (2008) o preconceito linguístico tem sido ponto de discussão dos sociolinguistas, pois ainda predominam as práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, tomando como referência o padrão culto e, em geral, as línguas apresentam uma diversidade que contribuem muito para a formação do aluno. Já que o falante adquire primeiro as variantes informais, num processo sistemático e vagaroso, pode vir apropriar-se de estilos e gêneros mais formais, aproximando das variedades cultas e da tradição literária.

No entanto, o novo conceito do ensino da língua para a inclusão social aparece por meio de práticas de linguagem, que se insiram no contexto de sua realidade social e cultural. Para isso é preciso que a escola apresente diversos tipos de gêneros textuais, falados e escritos, bem como a prática de reflexão sobre a linguagem e seus elementos estruturais, assim o professor estará contribuindo para a formação de um cidadão consciente.

2 UMA CONCISA VIAGEM PELO TEMPO

Sabe-se que o Brasil é constituído por uma miscigenação gigantesca, contendo características físicas, psicológicas, culturais dos mais diversos povos e suas minúcias. A diversidade cultural é uma realidade deste país. Sendo assim, os PCNs: pluralidade cultural (1997) aponta que:

A diversidade marca a vida social brasileira. Encontram-se diferentes características regionais, diferentes manifestações de cosmologias que ordenam de maneiras diferenciadas a apreensão do mundo, formas diversas de organização social nos diferentes grupos e regiões, multiplicidade de modos de relação com a natureza, de vivência do sagrado e de sua relação com o profano. O campo e a cidade propiciam às suas populações vivências e respostas culturais muito diferenciadas que implicam ritmos de vida, ensinamentos de valores e formas de solidariedade distintas. Os processos migratórios colocam em contato grupos sociais com diferenças de fala, de costumes, de valores, de projetos de vida. (p.25)

Entre esses povos, destacam-se os de origem negra, oriundos da África, trazidos para as terras brasileiras durante o período colonial na condição de escravos. A maior parte dos escravos eram trazidos da Costa Ocidental da África para trabalharem de mão-de-obra açucareira e, como eles vinham de vários cantos da África, possuíam uma diversidade de línguas, mas com o convívio com os coronéis e

capatazes, aprenderam o português para se comunicar. Aos portugueses era propício que os negros não tivessem a mesma língua, para que não pudessem se comunicar e, assim, não poderiam fazer complô contra os senhores.

A maior parte dos escravos se concentrou no Nordeste e na zona de mineração no centro do país. Os trabalhos mais árduos do engenho e da mina ficavam para os negros executarem. Retirados de sua terra natal, cultura e costumes, trazidos para terras estrangeiras e introduzidos à força a uma cultura diferente não somente pela língua, mas pelos costumes e tradições. Porém, de certa forma, contribuíram para toda esta heterogeneidade existente no Brasil.

A contribuição africana é clara, especialmente, na culinária, na dança, religião, música e língua. Percebe-se, que, o estabelecimento africano teve um papel importante na formação e esboço da identidade cultural afro-brasileira, uma vez que, os escravos possuíam uma grande diversidade cultural devido à sua origem distinta, pois pertenciam a várias regiões do continente africano. E com o convívio no Brasil os africanos conseguiram assimilar, interpretar e recriar certas práticas de outras culturas com os quais tiveram contato.

Mediante a este quadro de escravidão, os que aqui se mantinham cativos começaram a se revoltar contra seu estado subordinativo e humilhante, fugindo para terras distantes, onde não mais poderiam ser encontrados e novamente escravizados.

Desta forma, afastados dos grandes centros e das grandes fazendas, pequenas comunidades negras foram se formando, resgatando sua cultura, língua e costumes, dando origem ao que hoje se conhece por comunidade quilombola.

Segundo Albuquerque e Fraga Filho (2006), a denominação de quilombo é:

Quilombos, palenques, maroons são diferentes denominações para o mesmo fenômeno nas diversas sociedades escravistas nas Américas os grupos organizados de negros fugidos. No Brasil, esses agrupamentos também eram chamados de mocambos. Fugir do senhor e se juntar a outros rebeldes foi uma estratégia de luta desde que os primeiros tumbeiros aportaram na costa brasileira até as vésperas da abolição. (p.118)

Tem-se na história o *Quilombo dos Palmares*, considerado um dos mais respeitáveis quilombos do Período Colonial da História do Brasil. Ele nasceu e cresceu no antigo comando de Pernambuco, na região da Serra da Barriga. Era constituído por quilombolas que tinham sido escravos em fazendas das capitanias da Bahia e Pernambuco. Este grupo tornou-se símbolo da resistência negra à escravidão.

Por muito tempo, eles se mantiveram sem contato ou com contato muito restrito com outras comunidades, criando assim uma forma peculiar de pronúncia na transmissão de fala. Para que se possa entender melhor a construção da fala das diversas comunidades remanescentes de quilombo de nosso país, é preciso analisar de forma pontual alguns aspectos que formam não somente a fala, mas a cultura e os costumes deste povo.

As pessoas que eram trazidas da África não eram da mesma região e não tinham o mesmo dialeto, mas com a necessidade de comunicação, esses indivíduos foram criando um novo dialeto, que era baseado nas diferentes línguas que existiam na comunidade.

Este dialeto formado por fragmentos das diversas linguagens presentes, renomeou todo o contexto que envolve a vida da comunidade e seus afazeres diários, dando a este povo uma pronúncia única para palavras simples, que foram introduzidas a partir da abertura cultural destas comunidades ao português brasileiro.

Vale a pena destacar que toda língua pode ser influenciada por novas palavras e pronúncias, é este intercâmbio dialético que permite se encontrar em um mesmo país, entre pessoas de uma mesma nacionalidade, diversas formas de sotaque para uma mesma palavra. Não podendo assim ser diminuída a forma de falar de nenhuma comunidade, pois todas estas contribuem para a formação do português que hoje é falado no Brasil.

2.1 Formação da Comunidade Quilombola do Baco Pari e fatores de imigração

A primeira povoação da Comunidade Baco Pari surgiu com uma família vinda da Bahia no início do século XX, cujo nome do patriarca era Honório Pereira da Silva. Todos eram remanescentes de quilombo, porém não se tem registro concreto desta chegada, pois se baseia na entrevista colhida pelos moradores mais antigos da Comunidade Quilombola do Baco Pari (CQBP). Acerca destas entrevistas, pode-se notar que esta saída da Bahia para a região goiana sucedeu devido à procura de melhores condições de vida, além da busca por terrenos férteis, uma vez que eram trabalhadores rurais. Muitas histórias foram apagadas, pois os moradores mais antigos da CQBP não se lembram de muita coisa, já que os idosos entrevistados já apresentam certo blecaute das lembranças sobre o passado.

Ao chegarem ao estado de Goiás, se instalaram nas proximidades da cidade de Posse na distância de 18 km. E começaram a fazer casas rústicas, com apenas uma família no local. A população foi se expandindo com mais outras ascendências vindas da Bahia. Sendo que todos faziam parte da mesma família, segundo relato de moradores.

Após esta povoação, a comunidade então passou a se chamar pelos moradores de Baco Pari, por ali existir muitos desses frutos, e é uma fruta comum nessa região. Em relação à forma geográfica do lugar, tem todas as características de um Quilombo, sendo constituídos por matas fechadas, deixando o lugar com difícil acesso.

Seus costumes e crenças atualmente são triviais, pois não se vê nada de excêntrico. Uma das festas comemoradas é a de Nossa Senhora Aparecida, que acontece no dia 12 de Outubro, celebrando esta data com rezas, cavalgada, festas, muita comida e dança. Essa devoção a Nossa Senhora Aparecida está no fato de que ela é denominada a Santa Negra.

Atualmente, não há a presença de unidade de saúde no local e a população conta apenas com um agente de saúde que, mensalmente, visita as casas do povoado. Em pesquisa no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não foi

encontrado nenhum documento que registra a quantidade de moradores, tem-se então uma base de 36 casas na comunidade. O IBGE afirma que a lei tinha reconhecido a comunidade, mas só no papel, e o reconhecimento oficial só será feito quando a lei de registro da comunidade for promulgada, depois disso, farão o mapeamento.

No Diário Oficial da União de 4 de Março de 2004, seção 1, folha 7, mostra que todas as comunidade quilombolas foram auto reconhecidas como comunidades quilombolas, porém o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) ainda não regularizou o território da comunidade Baco Pari.

A única presença do poder público nessa comunidade é uma pequena escola rural multisseriada denominada, Escola Municipal Severino Pereira dos Santos, tendo a primeira fase do Ensino Fundamental mantida pela Prefeitura da cidade de Posse – GO, que possui atualmente 35 alunos divididos em duas salas. Segundo relato de duas professoras, entrevista concedida pela Secretaria Municipal de Educação, a aprendizagem dos alunos é difícil, e que segundo elas essas dificuldades são como todas as dificuldades enfrentadas em qualquer escola. Porém, elas declaram que os alunos são um pouco difíceis de lidar, devido serem pouco receptíveis e possuírem comportamento agressivo. Em relação ao ensino aprendido, os alunos, segundo entrevista feita com o corpo docente, possuem muita dificuldade tanto na escrita como na leitura.

A escola da CQBP foi construída com recursos próprios da prefeitura, sendo entregue à comunidade em julho de 1985, pelo prefeito da época, José Éliton de Figueredo e o vice-prefeito, Clarismino Ribeiro Gouveia. A escola atende a alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. E subsequente, para terminar a segunda fase desta modalidade de ensino, são transferidos para a escola do povoado Cachimbo, e posteriormente para cidade de Posse, para então concluir seus estudos.

Na comunidade em questão, um dos problemas que atormenta esta população é a falta de água, disponibilizada apenas um dia sim outro não aos moradores e essa água é salobra, mas há um caminhão pipa que traz água doce, que é fornecida aos

moradores e armazenada em vasilhames. Este problema desencadeia muitos outros, como a falta de cultivo e criação de animais. Em vista disto, eles ficam a mercê do município, na esperança de dias melhores.

Porém, ainda há o uso de água salobra e por este motivo ainda não possuem banheiros sanitários adequados. Por essa água possuir muito sal, não é viável utilizá-la em uma encanação, pois o sal provocaria o entupimento dos canos. Em vista disto, os banheiros são improvisados com vários materiais, como lençóis, lona, dentre outros.



Foto retirada de um banheiro, com permissão da moradora.

Outro problema de bastante preocupação entre os moradores é a doença de chagas. Moradores antigos relatam que sofrem ainda hoje com esta doença. A chaga é transmitida pelo barbeiro que se instala em casas de adobe, mas na comunidade já se vê construções atualizadas, sendo que casas rústicas já estão quase extintas pelos moradores da comunidade.

Em vista a tantas dificuldades, foi criada a Associação de Moradores Quilombola do Baco Pari em 2006 pelo Sr. Hermínio, já falecido, com a liderança de um presidente e vice, em busca de qualidade de vida para o povoado.

O presidente atual da Associação de Moradores Quilombola do Baco Pari está em busca da disponibilização de uma terra vizinha, para que eles tenham direito de trabalhar, pois a terra do Baco Pari é infértil, segundo relato dos moradores. Essa questão está sob encargo do INCRA, que não tem previsão de resultados. Segundo

relato do Vice-presidente, se a comunidade tivesse reconhecimento e certificado de remanescentes quilombolas, os benefícios seriam vindos a eles facilmente.

Este anseio de melhoria é bem antigo, vindo de seus ancestrais, como exemplo disso pode-se citar o líder do quilombo dos Palmares, Zumbi, que lutou com todas as suas forças em busca de melhores condições para sua comunidade.

A existência de um líder é bastante comum nos quilombos, inclusive na comunidade CQBP. Atualmente eles contam com dois líderes, mas antes havia um líder importantíssimo e bem cultuado entre eles, o já falecido senhor Hermínio, uma figura muito respeitada ainda hoje na comunidade, pois foi este senhor que dedicou toda sua vida em benefícios da comunidade. Como nos reinos africanos, o poder político sempre é centralizado em um líder.

Embora com a presença de líderes a frente dos problemas enfrentados pela comunidade, a resolução deles não são fáceis. Diante de tantas dificuldades, essas pessoas desanimam e perdem a esperança de melhorar de vida. Pais de família deixam sua prole em busca de emprego em outros lugares ou até a saída da família para a cidade de Posse.

Os lugares de maior aglomeração destes indivíduos são nos setores mais periféricos da cidade de Posse. A perspectiva de vida desta população se baseia em comer e ter um teto, pois nunca estão em busca de esplendor vital, por estarem já habituados a uma vida simples, sem regalias. Sem muitas perspectivas, não valorizam os estudos, sendo este primordial para que se possa compreender o mundo que os cerca. Isso acarreta na evasão da escola bem cedo, restando assim o ofício doméstico, boias frias, entre outros que não exijam estudo algum. Percebe-se então a ausência dos moradores da CQBP em mercado, banco, cargos públicos, nas universidades e até mesmo nas escolas.

2.2 O dialeto dos moradores provenientes da CQBP e sua real inserção social

Atualmente, pode-se encontrar na cidade de Posse muitas pessoas que pertencem à comunidade CQBP. Observa-se que nos setores de classe socioeconômica baixa se vê uma família desta descendência, e que na maior parte vivem sempre em conjunto. Os participantes da pesquisa relatam que saíram de sua comunidade de origem, devido a muitos problemas, e que aqui acharam de certo modo um conforto para suas famílias.

Como estas pessoas derivam de uma comunidade quilombola, possuem ainda uma fala típica de remanescentes de escravos, mesmo que alguns possam ter adquirido a linguagem padrão, nota-se certa tonicidade na fala, que é possível perceber esta semelhança com sua comunidade de origem.

A fala destes moradores mostra um jeito peculiar de articular certas palavras, que são consideradas fora da margem da língua padrão. Apesar da influência da sociedade ser muito forte nos indivíduos, percebe-se na fala destes moradores o enraizamento de seu dialeto típico. No entanto, há aqueles que usam a norma padrão em algumas palavras de fácil articulação. Porém, os indivíduos que fazem uso da norma culta são apenas alguns jovens, por estarem em constante contato com as mídias e para se adequarem aos padrões sociais e por frequentar ou ter frequentado a escola e se relacionar de alguma forma com a sociedade urbana, optam por utilizarem a língua corretamente.

A criança, em seu processo de evolução da língua, utiliza a linguagem como a observa em casa, não são discriminados linguisticamente ao uso informal da língua. Os adultos que abandonam cedo a escola, tendem a usar a forma coloquial, e como os idosos tem certo enraizamento de sua língua de origem, estes sempre a conservam.

Esta questão de língua padrão e não padrão está ligado a fatores socioeconômicos, nível escolar e histórico cultural. Pois, a respeito deste fato, observa-se que a escolaridade destes jovens está exígua, por muitos não terem perspectiva de vida melhor e por estarem acostumados à subserviência da vida. Nas entrevistas feitas

com os jovens notou-se que todos não concluíram o segundo grau e nem ao menos sentem vontade de concluí-lo. Muitas meninas, com a faixa etária de 18 aos 21 anos, já têm filhos e assumem ser incapazes de estudar.

Devido estes jovens não concluírem o ensino Médio, eles tem uma grande dificuldade de se inserir no mercado de trabalho, colocando-os em subemprego, dificultando assim sua inclusão social.

3 METODOLOGIA

3.1 Origem dos dados para composição da pesquisa

Esta pesquisa se constituiu a partir de estudos bibliográficos e de campo. A parte bibliográfica realizou-se por consultas de documentos, entrevistas cedidas por moradores antigos, tendo assim todo o histórico da comunidade. Foi necessária também, a utilização de livros de estudiosos da Linguística, no que tange o estudo da variação da língua. A utilização de artigos e *sites* teve grande valia para a composição da pesquisa em questão. O uso de áudio foi bastante pertinente, pois foi possível capturar a fala dos moradores, tanto da CQBP quanto dos moradores de Posse procedentes da CQBP. Sendo o áudio um instrumento relevante para a comparação das falas dos moradores, o mesmo serviu para identificar se já estão habituados a língua padrão, de acordo com o convívio urbano.

Para realizar a pesquisa de campo foi necessário passar por três etapas, sendo a primeira feita na CQBP, onde se colheu os dados históricos, na segunda coletou-se a fala. E, posteriormente na cidade de Posse, com moradores procedentes da CQBP, totalizando 40 pessoas que participaram desta investigação. Finalmente foi feito o confronto das falas transcritas para então obter os dados para a análise final.

3.1.1 Pesquisa na comunidade Baco Pari: procedimentos

Para o conhecimento da comunidade em seu aspecto geral, a primeira etapa ocupou-se de obter dados históricos, envolvendo fatores geográficos, costumes e questões sociais. Em relação ao ensino na comunidade, para ter a permissão da coleta de dados dos alunos e professores da instituição, foi preciso pedir permissão à Secretaria de Educação do Município de Posse, onde eles assinaram nossa declaração e então fomos liberados para realizar a pesquisa na escola.

Este estudo ocorreu na própria comunidade com a colaboração de vários moradores, que permitiram o acesso a seus estilos de vida, cultura e antepassados, com perguntas abertas e descontraídas. Esse momento se sucedeu no dia 09 de Agosto de 2015, no domingo depois do meio dia. Optou-se por ir no domingo para que se pudessem encontrar todos em casa. A pesquisa findou-se às dezesseis horas.

E no fim deste dia foi solicitado a cada morador a permissão para uma nova visita, no intuito de coletar mais dados para a pesquisa, que consistia em capturar a fala, onde todos concordaram.

Na segunda etapa foi feita a captura da fala dos moradores dantes entrevistados. Para a realização desta etapa foi preciso escolher palavras que possivelmente poderiam ter alterações na fala dos entrevistados, e posteriormente a utilização de um álbum de figuras para leitura visual e *check list* das seguintes palavras: **porta, tesoura, ônibus, cadeira, trator, igreja, bicicleta, morango, vestido, telhado, nuvem, escada, lápis, flor, blusa, peixe, minhoca, relógio, telefone, sapo, árvore, pneu, estrela e palhaço**. Era possível ter usado a lista com as palavras, porém poderia haver alguém que não soubesse ler, por isso utilizamos o álbum de figuras.

Este processo conduziu da seguinte forma: os entrevistados eram gravados simultaneamente no momento em que falavam os nomes das figuras relacionadas às

palavras da *check list*. O áudio de cada pessoa foi analisado e transcrito da forma como foi falado, e analisados através de metaplasmos. As pessoas selecionadas foram: 5 crianças entre 8 e 14 anos, 5 jovens entre 16 a 28 anos, 5 adultos entre 30 a 55 anos e 5 idosos entre 60 a 72 anos, moradores de Posse e da CQBP.

A partir das falas capturadas foram feitas as análises, e como referência utilizamos as palavras que tiveram alterações, para então observar se os moradores de Posse provenientes da CQBP pronunciariam da mesma maneira.

3.1.2 Pesquisa com moradores da cidade de Posse provindos da CQBP

Para efetivação desta etapa, entrevistou-se 20 pessoas da comunidade para dar um equilíbrio à pesquisa. Escolheu-se, então, o setor Buenos Aires, onde foi possível encontrar um número significativo de provenientes de CQBP. Após o pedido de permissão, iniciou-se a pesquisa no dia 01 de Setembro de 2015 no período vespertino.

Esta fase começou com perguntas abertas e descontraídas, posteriormente, seguiu-se a pesquisa com o *check list* das mesmas palavras utilizadas no subtema anterior que relata o transcurso da investigação na CQBP. Percebeu-se que a receptividade dos moradores da cidade de Posse foi bem mais calorosa, devido já estarem habituados a se relacionarem com outras pessoas, que não sejam da família.

3.2 Comparação dos vocábulos e análise dos gráficos

A análise dos aspectos fonéticos da realidade linguística dos moradores da cidade de Posse que vieram da comunidade Baco Pari obteve a partir de dados coletados da localidade da CQBP com crianças, jovens, adultos e idosos. E as palavras foram analisadas mediante o livro, *Língua de Eulália* de Marcos Bagno. Das 24 palavras escolhidas foneticamente, apenas 17 tiveram modificações, sendo que as

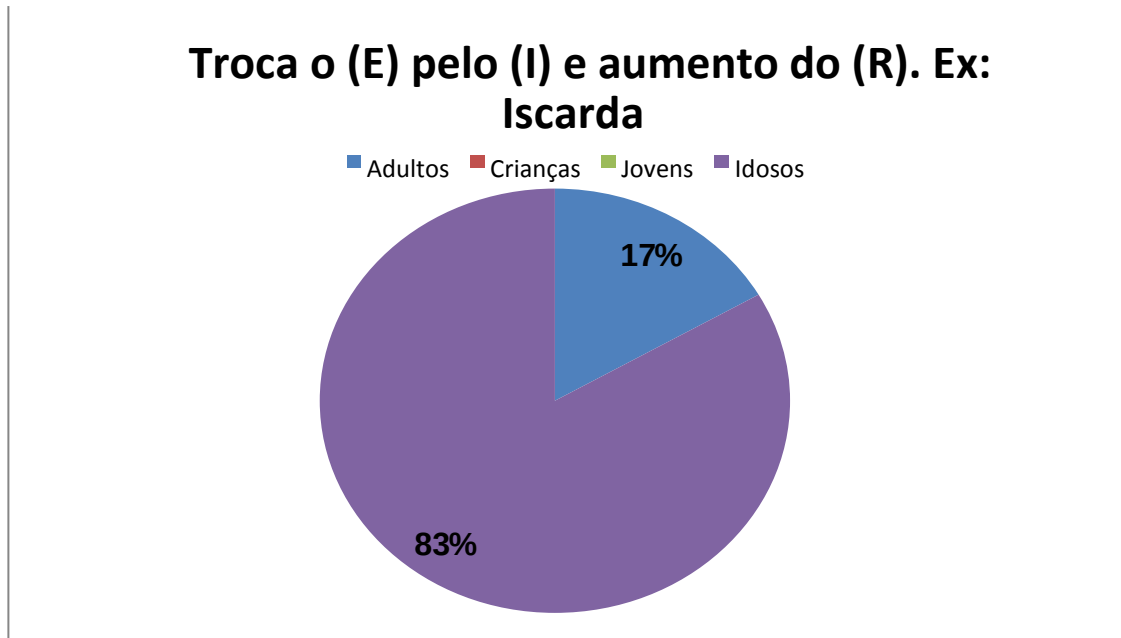
demais foram ditas da forma correta. As palavras foram transcritas da forma como foram faladas e descritos na tabela que segue: Paiva *apud* Coelho *et al* (2003, p.135) ressalta a importância da fidedignidade na transcrição dos dados da fala, que consiste em —[...] transpor o discurso falado, de forma mais fiel possível, para registros gráficos mais permanentes, necessidade que decorre do fato de que não conseguimos estudar o oral através do próprio oral.

Palhaço	Paiaço
Porta	Posta
Ônibus	Onhibus
Cadeira	Cadera
Trator	Tratô
Igreja	Ingreja
Bicicleta	Bicicreta
Vestido	Vestido
Telhado	Teiado
Escada	Iskarda
Blusa	Brusa
Abelha	Abeia
Minhoca	Mioca
Sapo	Sapu
Árvore	Árvre
Estrela	Istrela
Peixe	Pexe

Por fim, é observado que alguns dos elementos fonéticos estudados ocorrem na fala de alguns moradores da cidade de Posse.

Para efeito de visualização da análise realizada, apresentam-se os gráficos que seguem.

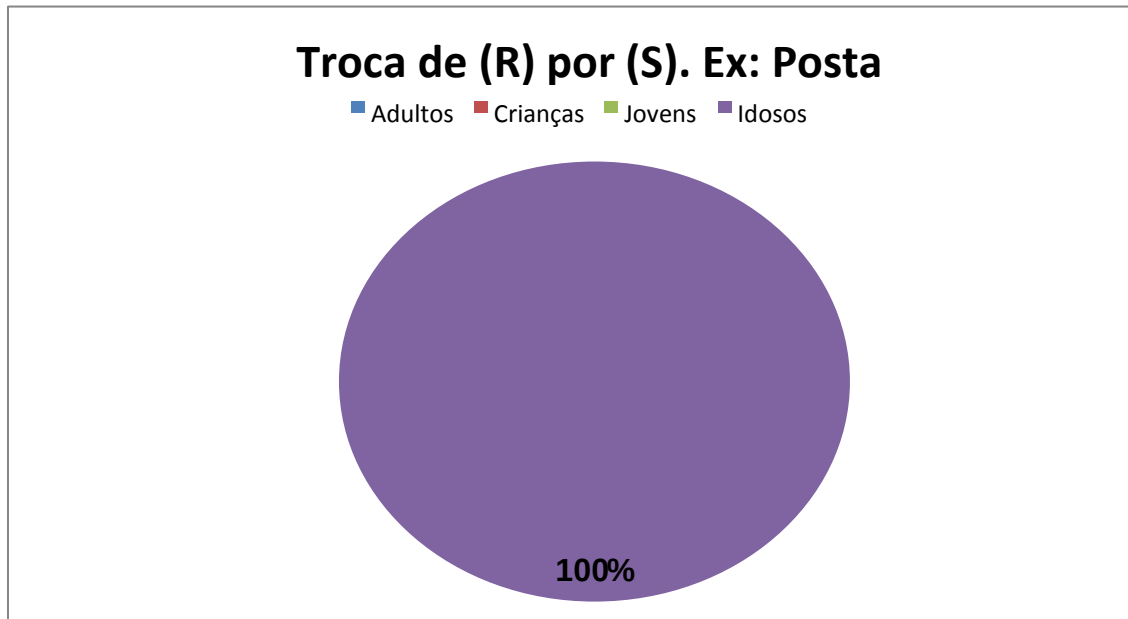
Gráfico 1



Fonte: As pesquisadoras.

Na palavra referida neste gráfico houve um processo de alteamento vocálico, consistindo no levantamento do som de uma vogal mais baixa para uma mais alta, como por exemplo, a realização de [e], [i]. E com o aumento do r no meio da palavra ocorreu um processo de metaplasmo por aumento, intitulado epêntese, que é a inserção de um fonema no meio da palavra.

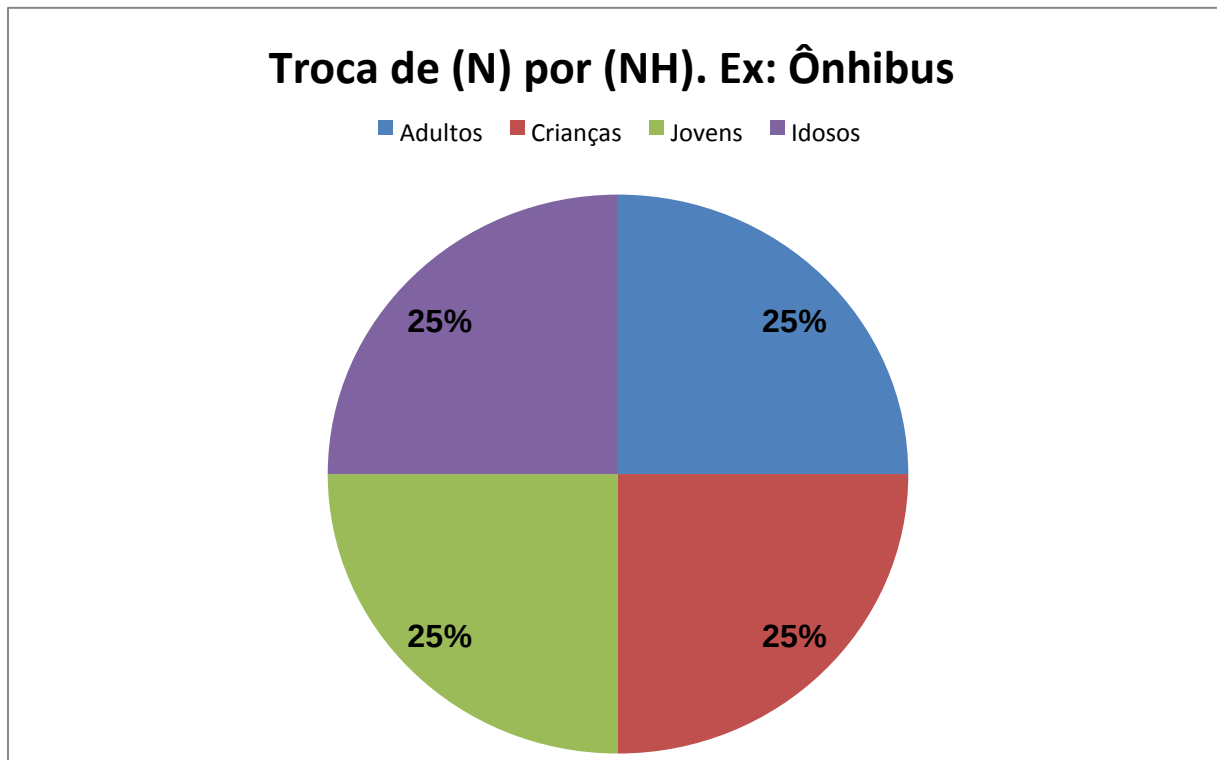
A partir do gráfico percebe-se que os idosos tiveram maior troca na pronúncia da palavra **escada**, com 83%, aumentando o fonema **r** e com a troca do **e** por **i**. Os adultos ficaram em segundo lugar no ranque, com 17%, sendo que crianças e jovens mantiveram a pronúncia da palavra como de fato é escrita.



Fonte: As pesquisadoras.

Na palavra *porta* houve a retirada do *r* por *s*, o que é considerado bem incomum até na linguagem coloquial. Dando uma totalidade de 100% dos idosos que pronunciaram —*postall*. Em contrapartida, as crianças, os jovens e os adultos não alcançaram nenhuma porcentagem, devido a não trocarem nenhuma letra na pronúncia da referida palavra. Essa troca de *r* por *s* é pouco comum até mesmo na língua não padrão, e não se encaixa em nenhum metaplasmo, essa troca é uma característica única dos quilombolas.

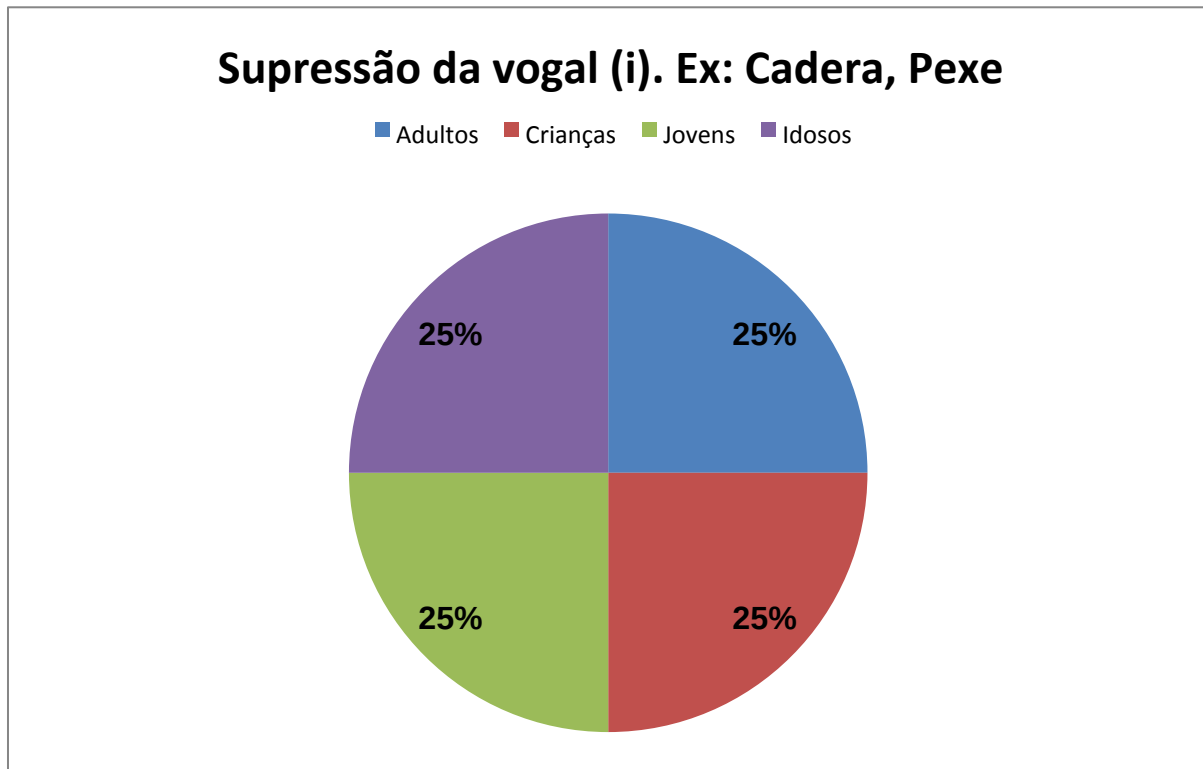
3



Fonte: As pesquisadoras.

Este processo que ocorreu na palavra ônibus é chamado de Palatização, que faz parte da categoria de metaplasmo por transformação, nome dado à transformação de um ou mais fonemas em uma palatal. Em relação a esta troca do **n** por **nh**, o gráfico aponta que as crianças tiveram um total de 25%, os jovens de 25%, os adultos de 25% e os idosos de 25%. A pronúncia da palavra referida foi realizada de maneira geral, pois como se sabe é bem comum haver este tipo de articulação desta palavra, devido os entrevistados serem da mesma classe social.

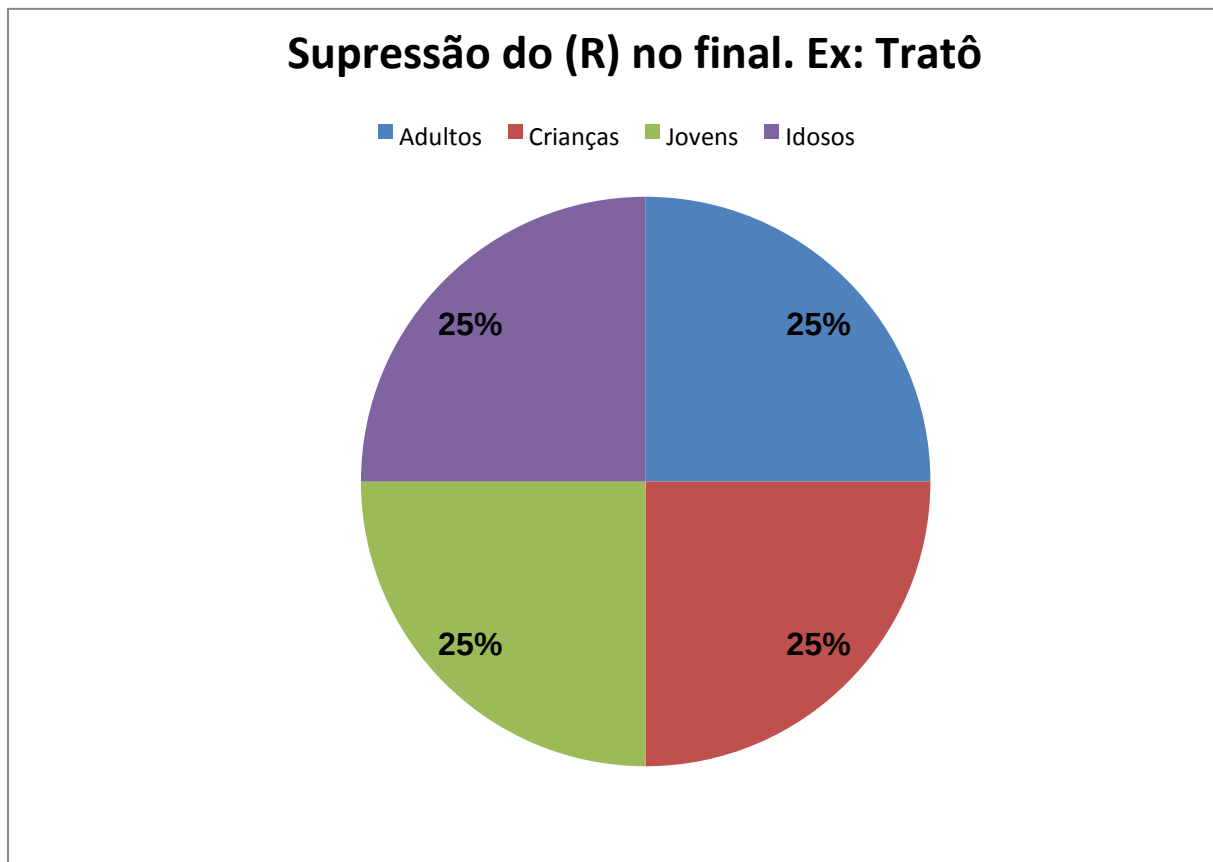
4



Fonte: As pesquisadoras.

Nas palavras *cadeira* e *peixe* houve o processo de metaplasmo por transformação, intitulado monotongação, que é o nome dado à transformação ou redução de um ditongo em uma vogal. Como é muito comum pronunciar a palavra **cadera** e **peixe** sem a semivogal *i* e sem a pronúncia correta do ditongo, todos os informantes pronunciaram da mesma forma dando a mesma totalidade de porcentagem com 25% cada participante. Bagno (1999), afirma que esta monotongação pode vir a se ditongar em situações bem específicas, tal como a redução da velocidade da fala com a finalidade de dar ênfase ao enunciado. Ele dá um exemplo no uso das palavras **louco** e **loucura** quando usados de modo afetado para indicar coisas surpreendentes ou muito boas: —Foi uma **louuucura**!!! Entende-se por isso que a falta de ditongos não é totalmente errada e pode ser pronunciada por qualquer falante.

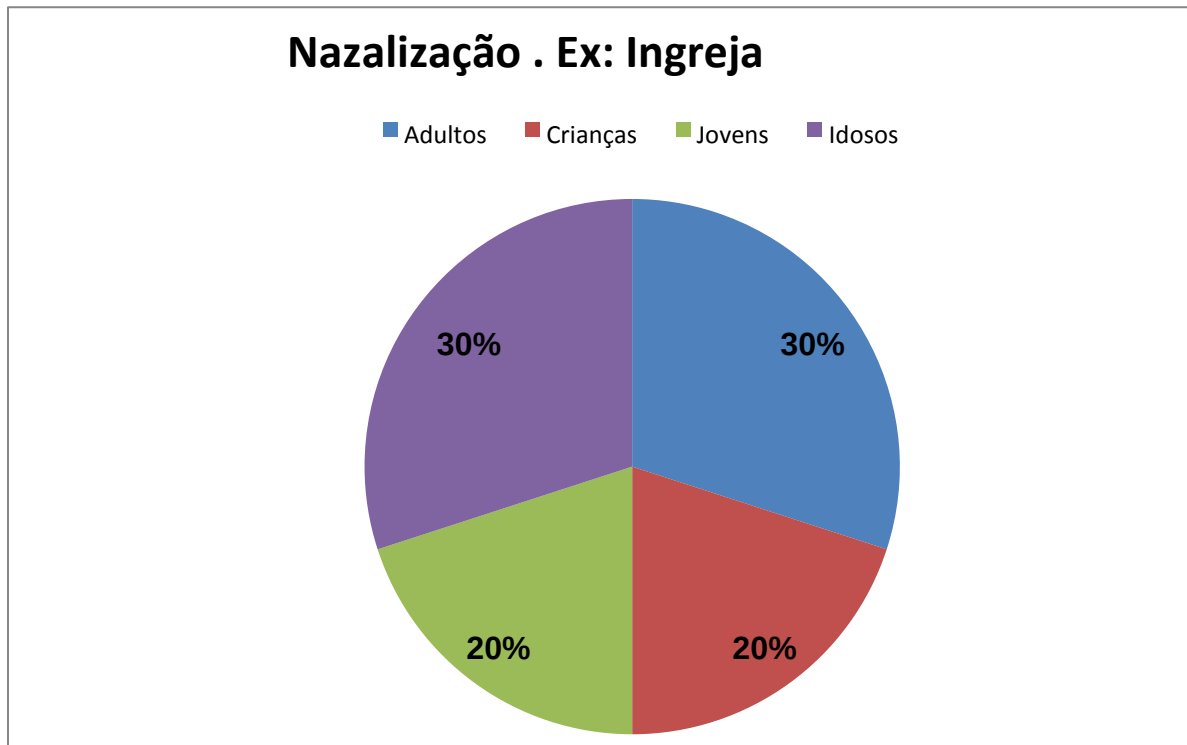
5



Fonte: As pesquisadoras.

Neste vocábulo houve o processo de metaplasmo por redução: apócope, que é o nome dado ao fenômeno que suprime um fonema no final do vocábulo. No gráfico acima, a palavra trator transcrito **tratô** perde sua última letra, como muitos verbos no infinitivo que são retirados o **r** da sílaba final. Geralmente esta palavra é dita por muitos desta forma, devido o **r** não dar muita ênfase na palavra. A palavra trator é comumente falada com o **r** no final, muitas vezes com o uso do **r** retroflexo, que aquele **r** do dialeto gaúcho, bem puxado no final das palavras. Percebe-se então que a porcentagem é igual para todos os informantes de 25% para cada um.

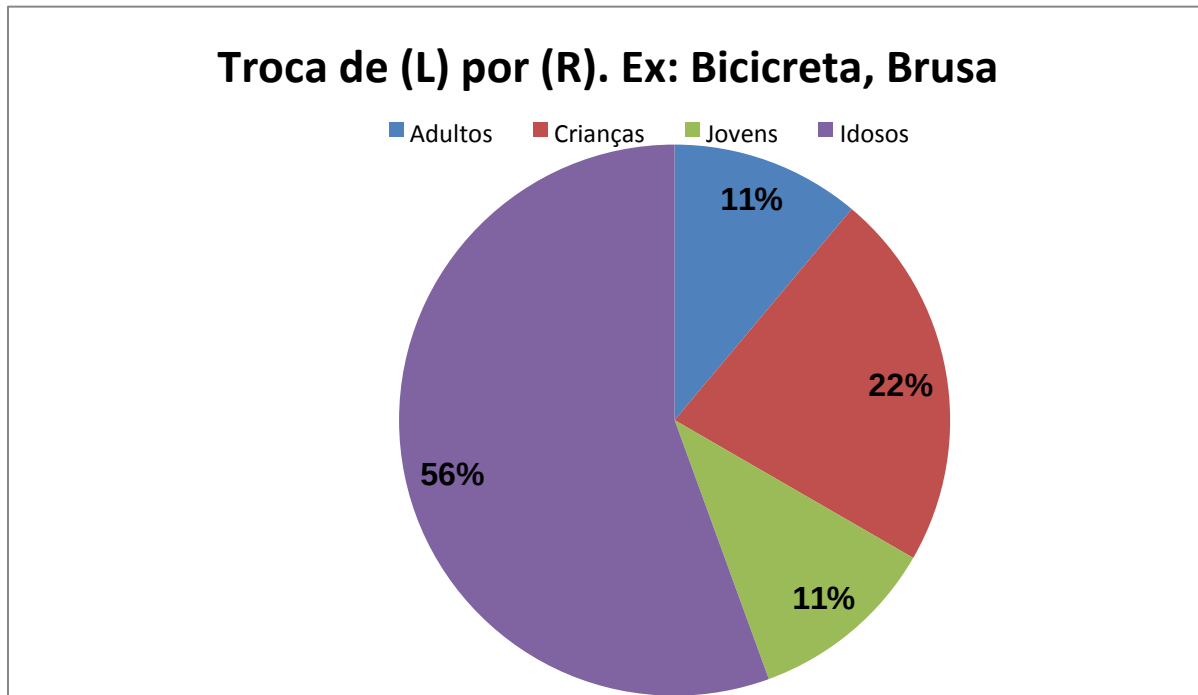
6



Fonte: As pesquisadoras.

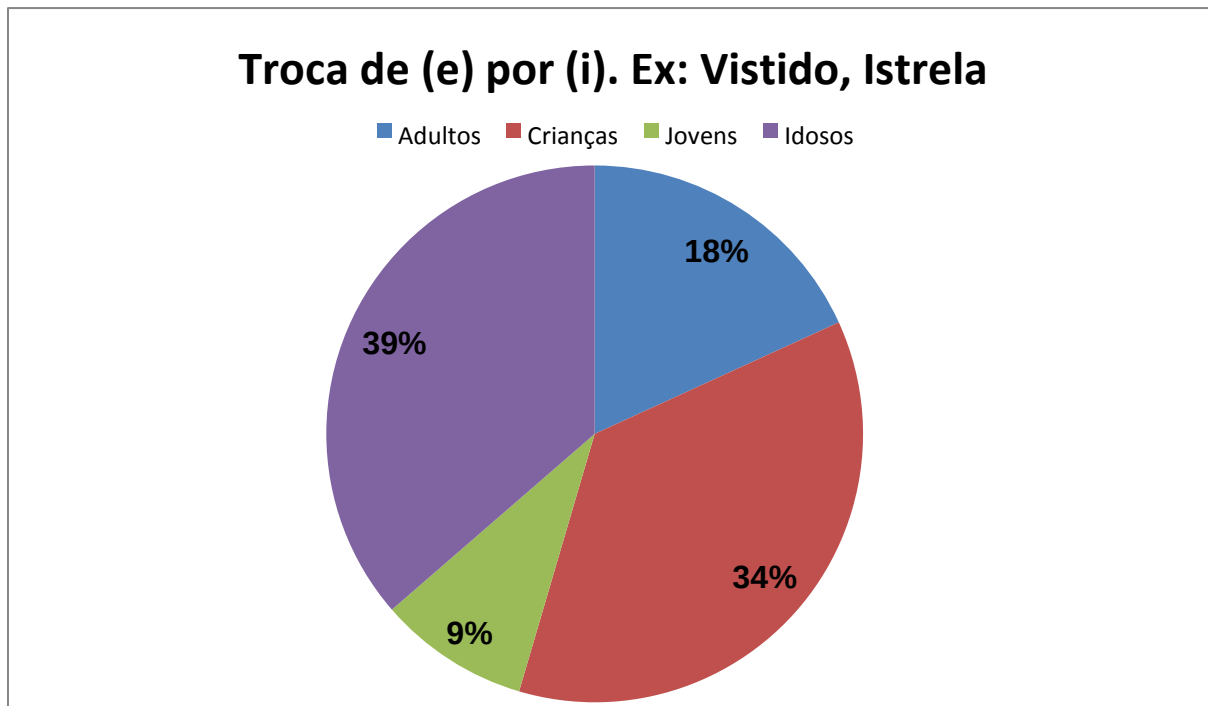
O gráfico acima apresenta a palavra **igreja**, pronunciada **ingreja** com o aumento da letra **n**, entre as letras **i** e **g**. É um típico fato de norma não padrão da Língua Portuguesa. Este processo é chamado de metaplasmo por transformação Nasalação, que é o nome dado à transformação de um fonema oral em um fonema nasal. Observa-se que crianças e jovens tiveram a mesma porcentagem, com 20% e os adultos e idosos, ambos com 30%.

7



Fonte: As pesquisadoras.

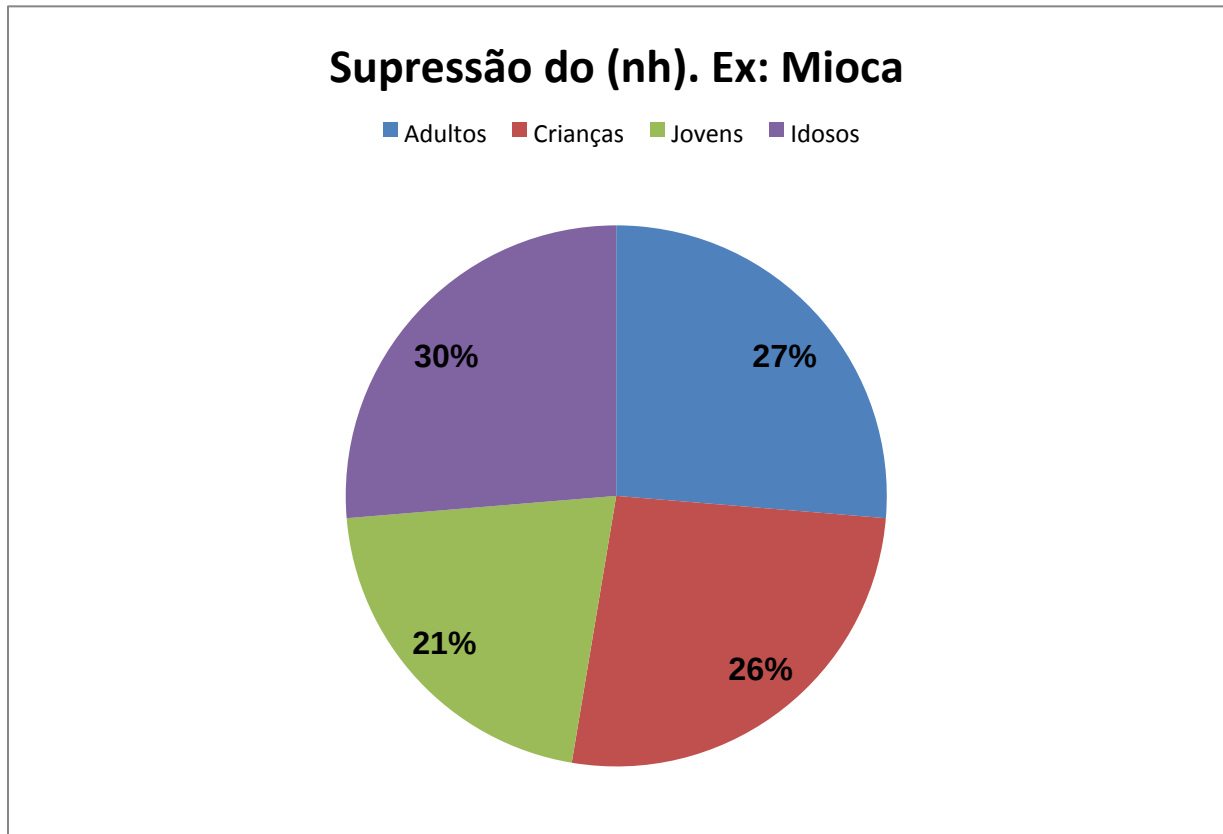
Este gráfico faz uma apresentação da pronúncia colhida das palavras **bicicleta** e **blusa**, ambas possuem sons de encontros consonantais com a letra **L** nas sílabas **cle** de bicicleta e **blu** de blusa. Mas de acordo com as pronúncias colhidas, houve então a troca do **L** por **r**. Esta troca é chamada de rotacização do **L** nos encontros consonantais, sendo um metaplasmo por transformação, que de acordo com as pessoas entrevistadas, 22% das crianças pronunciaram, em relação aos adultos 11 %, os jovens apresentam a mesma porcentagem dos adultos, já os idosos com 56%. O fato dos idosos terem a maior totalidade nesta pronúncia está no fato de que —os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas (MOLLICA *et al*, 2008 p. 43).



Fonte: As pesquisadoras.

No gráfico acima, as palavras **vestido** e **estrela**, com as pronúncias **vistido** e **istrela**, ocorreu à substituição da letra **e** por **i**, isso recebe o nome de redução da vogal **e**. Ocorreu então um alteamento vocálico, que consiste no levantamento do som de uma vogal mais baixa para uma mais alta ou pode ser chamado também de metafonía, que é a alteração do timbre ou altura de uma vogal que faz parte do metaplasmo por transformação.

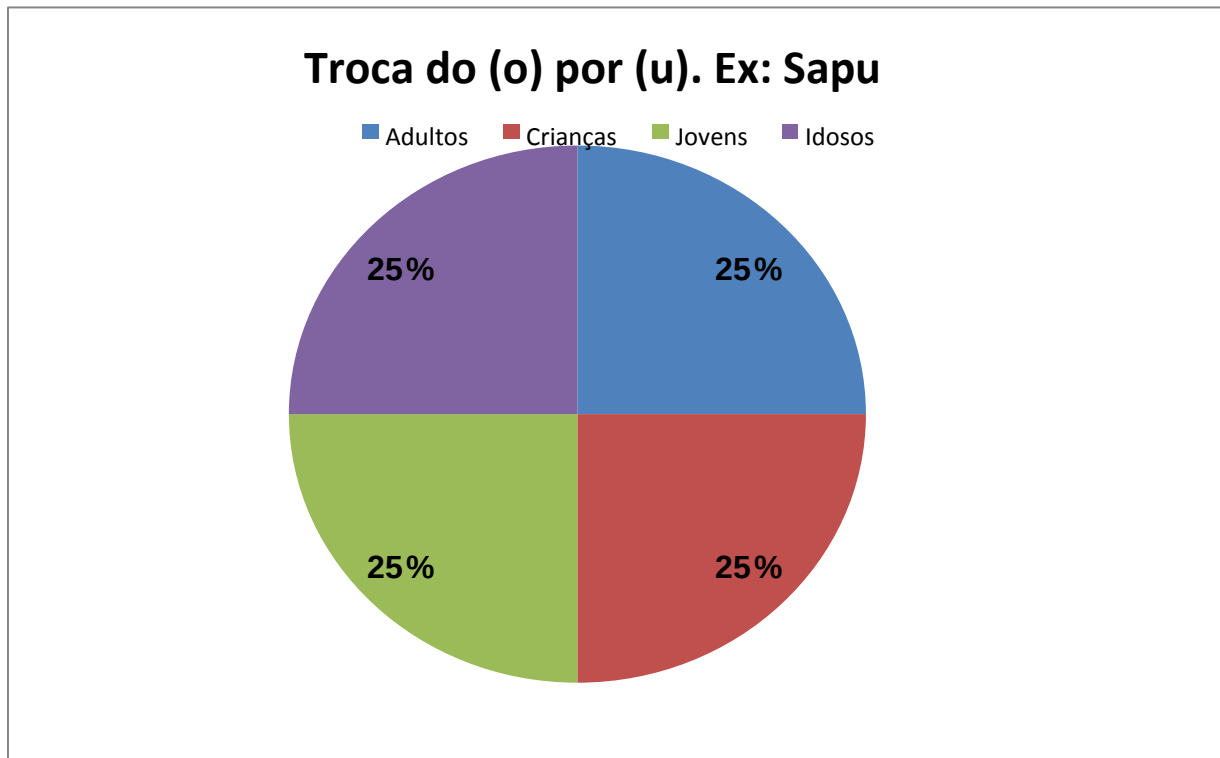
Percebe-se então que na pronúncia destas palavras têm-se os seguintes resultados: crianças com 34%, jovens com 9%, adultos com 18%, e, por fim, os idosos com 39%. Através desta porcentagem entende-se que os idosos e crianças possuem uma porcentagem maior na pronúncia deste vocábulo, pelo fato dos mais velhos optarem pela forma não padrão, já as crianças falam dessa maneira por ainda estarem ampliando o seu repertório comunicativo, ou seja, em processo de alfabetização ou amadurecimento de palavras, sendo os jovens com menor porcentagem.



Fonte: As pesquisadoras.

É evidenciada por meio do presente gráfico a pronúncia da palavra minhoca, sendo dita pela maioria dos entrevistados **mioca**, com a supressão de **NH**, dando assim o encontro vocálico **io**. Este processo está no metaplasmo por transformação de um som nasal em um oral. A cerca da pronúncia desta palavra, constatou-se que as porcentagens foram crianças com 26%, jovens com 21%, adultos com 27% e idosos com 30%.

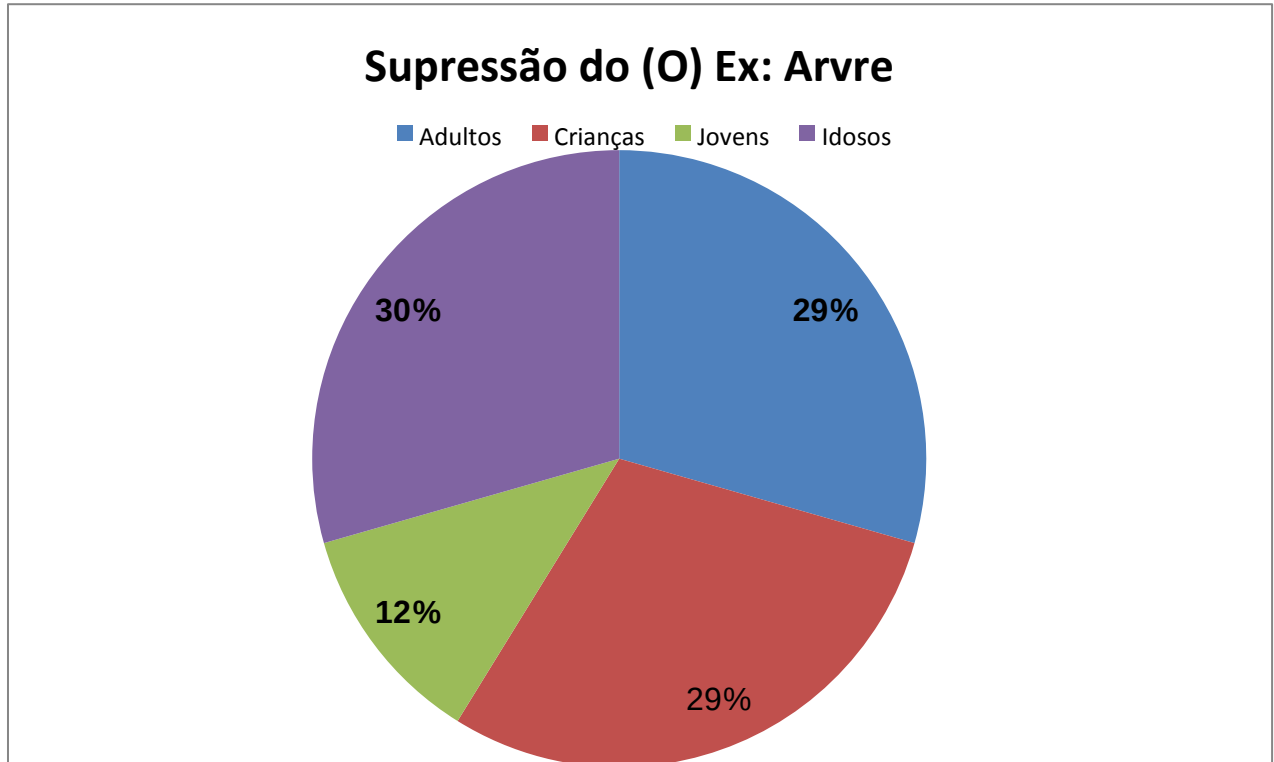
10



Fonte: As pesquisadoras.

Esta palavra é outro caso de alteamento de uma vogal menor, como o **u** no lugar do **o**. Isso ocorre frequentemente em palavras terminadas com **o**, tendem a ser pronunciadas por **u**. Este processo é chamado de alteamento vocálico, que consiste no levantamento do som de uma vogal mais baixa para uma mais alta ou pode ser chamado também de metafonía, consistindo na alteração do timbre ou altura de uma vogal que faz parte do metaplasmo por transformação. Portanto, todas as faixas etárias pronunciaram a palavra da mesma forma, trocando as letras.

11



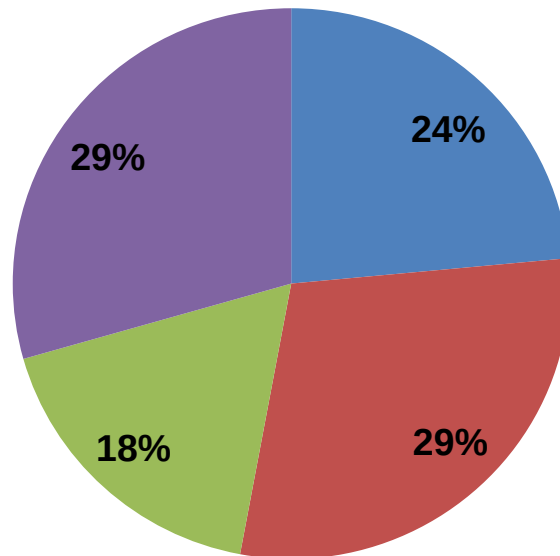
Fonte: As pesquisadoras.

No gráfico acima a palavra árvore é, pronunciada como **arvre**, pois isto é uma tendência muito comum na língua não padrão, tornar paroxítonas as palavras proparoxítonas. Este processo é chamado de metaplasmo por supressão, Síncope, que é o nome dado à supressão de fonemas no meio do vocábulo. A respeito desta pronúncia, é possível observar as seguintes porcentagens: crianças com 29%, jovens 12%, adultos 29 % e idosos com 30%.

Gráfico 12

Redução do fonema (m) Ex: Nuve

■ Adultos ■ Crianças ■ Jovens ■ Idosos



Fonte: As pesquisadoras.

A partir deste gráfico pode-se constatar que houve um metaplasmo por transformação, processo no qual se transforma um fonema nasal em um oral, chamado de desnasalização. Tem-se então com 18% os jovens, adultos com 24% crianças e idosos ambos com 29%.

Gráfico 13

Houve nestas palavras uma transformação de consoante em vogal sendo a troca do **lh** por **i**, por isto denomina-se de vocalização, que faz parte do metaplasmo de transformação. Ocorreu um empate entre crianças e idosos, com 29% na colocação e adultos com 24%, e jovens com a porcentagem menor de 18%.

Em relação a todos os gráficos apresentados, alguns deles mostraram empate entre os falantes que articularam as palavras com a mesma totalidade de porcentagem, podendo dizer que mesmo com faixas etárias diferentes ainda possuem um jeito peculiar de falar. Em cinco gráficos os idosos mostraram uma porcentagem maior nas pronúncias das palavras de forma a sofrer alterações, chegou-se ao consenso de que os idosos, além de todos não serem escolarizados,

não apresentam contatos com nenhum aspecto de leitura, e por este fato não aprenderam à norma padrão.

Observou-se que a fala utilizada pelos idosos e adultos ainda está arraigada ao dialeto de origem, pelo fato de estarem acostumados com meio de vida deles, longe de contato social. Já os jovens e crianças se aculturaram e aprenderam um pouco da língua padrão, e já fazem parte de uma nova geração que tem acesso às mídias, escolas, grupos de pessoas com diferentes culturas.

Todas estas palavras apresentadas fazem parte da influência que os negros tiveram em relação à língua popular brasileira e que seus ancestrais, que são os quilombolas, em sua maioria usam no seu dia a dia. E estas alterações fonéticas são de origem africana. Mendonça (2012) apresenta alguns exemplos destas alterações fonéticas de origem africana:

- Vocalização: O fonema linguopalatal **lh** muda-se na semivogal **y**:

—Dizem que a **muyé** é farsa

Tão farsa como papé, Mas

quem matou Jesus Cristo

Foi home, não foi **muyé**".

(Quadra popular do sul de Goiás).

- Apócope: aparece em **l** e **r** finais:

general.....generá

cafezal.....cafezá mel.....mé

esquecer.....esquecê

Artur.....Artú

A queda no **r** final aparece também nos dialetos crioulos da África:

Cabo-verdiano — onde às vezes cai: **chegar**.....**chegá**

Da ilha de S. Tomé — onde às vezes cai: **cuié** em vez de **colher**, Da

ilha do Príncipe — cai: **vender**vendê

- Redução: Os ditongos **ei** e **ou**, por influência africana, reduziram-se na língua popular do Brasil: *ei* *ê* cheiro.....*chêro* peixe.....*pêxe*

Mediante esta ótica, percebeu-se que a Língua Portuguesa ainda contém vestígios da Língua Africana, que foi disseminado com os escravos que aqui passaram.

CONCLUSÃO

A Sociolinguística teve uma importância significativa na elaboração deste estudo, mostrando que a Variação Linguística já tem sido motivo de preocupação por estudiosos. Esta ramificação da Linguística teve seu foco na língua, mas de um jeito inovador, sendo que ela mantém estreita relação com a sociedade. Ela não se restringe apenas à estrutura da língua como estimava Saussure, com preceitos de que a língua era variável de acordo com o tempo passado e presente, segundo suas principais dicotomias. No entanto, William Labov, a partir de seus estudos, provou que a língua oferecia múltiplas variações com aspectos internos e externos, mostrando, assim, que o campo da Linguística é muito amplo.

Em sequência, toda a variação que a língua sofre também está em estreita ligação com a cultura de cada indivíduo, com o pressuposto de que a língua de cada pessoa possui rastros de sua cultura. No entanto, a língua pode adaptar-se em outra cultura, como exemplo têm-se os africanos vindos da África no período colonial que falavam línguas diferentes, onde passou por um processo de aculturação. Devido o convívio com os senhores e capatazes, eles foram aprendendo a Língua Portuguesa para se comunicarem, pois todos necessitavam aprender a linguagem para que houvesse uma interação entre eles.

Percebe-se que até a atualidade, o negro no Brasil ainda sofre o estigma do preconceito pela sociedade, dificultando assim a sua inserção neste meio. Isso se dá pelo histórico da luta pela liberdade dos negros no período imperial. Boa parte dos que estão situados na cidade de Posse, vieram da Bahia e se instalaram na Comunidade Quilombola do Baco Pari, e por existir muita dificuldade na comunidade ocorreu bastante imigração para os setores periféricos da cidade de Posse.

Os moradores da comunidade Quilombola do Baco Pari precisam ser valorizados pela sua história de vida e cultura. Eles são descendentes de escravos e trazem toda uma história de sofrimentos de seus antepassados, a mais presente é o preconceito. Devido a este motivo, percebe-se que a escola será uma grande aliada

na eliminação do mesmo, trazendo para a sala de aula assuntos referentes a cultura destes povos, permitindo aos alunos o conhecimento das etnias que compõem o Brasil, e que os negros foram pessoas importantes no desenvolvimento deste país.

Os PCNs Pluralidade Cultural (2001) contribuem para que a escola aborde sobre esta temática:

Espera-se que o aluno saiba que a nação brasileira comporta a existência de diferentes grupos sociais — cada um com suas singularidades — e eles próprios têm histórias e um modo de vida específico. Espera-se também que relacione a isso o conhecimento de diferentes formas de habitação, de organização espacial, de vestimenta e outros itens da vida cotidiana, assim como de expressões culturais diversas, e compreenda que diferentes grupos humanos produzem diferentes formas de organização político-social e econômica a que correspondem diferentes modos de organizar o trabalho e a produção de conhecimentos. (p.91)

Diante dessa grande miscigenação de povos, é necessário que a escola aborde também sobre a variação linguística que existe em qualquer lugar devido a esta mistura. A escola, sendo um agente transformador, vai nortear os alunos sobre as variações linguísticas para que assim haja uma aceitação das diversidades de línguas e povos.

Atualmente, a variação linguística já é reconhecida por muitos, embora haja indivíduos que sofram o preconceito linguístico, por não terem domínio da língua padrão. Os PCNs de Língua Portuguesa (1997) abordam como este preconceito pode ser enfrentado na escola:

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma —certall de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso —consertarl a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. (p.26)

No estudo feito na Comunidade Quilombola do Baco Pari, deparou-se com uma realidade linguística bastante peculiar, no que se refere à entonação e articulação, pois a língua que utilizam é a mesma Língua Portuguesa, porém com a predominância da norma não padrão e vestígios da língua popular brasileira com influência da Língua Africana. E na pesquisa feita com os moradores procedentes da CQBP da cidade de Posse, com base em dados colhidos na comunidade, percebeuse que ainda é aparente a influência da linguagem daquela comunidade, embora alguns jovens e crianças estejam aprendendo a norma padrão e queiram utilizá-la para se sentirem aceitos pela sociedade.

Tais reflexões têm grande importância, pois se trata de assuntos que fornecem meios para pensar sobre a variação linguística no contexto das relações que se estabelecem entre língua e sociedade e a inserção social de indivíduos estigmatizados pelo preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. FILHO, Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil** /. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico, o que é e como se faz**. 52ª edição. São Paulo, 1999.

COELHO, Izete Lehmkuhl [et al.]. **SOCIOLINGUÍSTICA**.– Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**; tradução Marilda Winkler Averburg, Clarisse Sieckenius de Souza. –Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil** apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio de Yeda Pessoa de Castro. — Brasília : FUNAG, 2012. Disponível em http://funag.gov.br/loja/download/983Influencia_Africana_no_Portugues_do_Brasil_A.pdf

MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação**. -3 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

NACIONAIS, Parâmetros curriculares: **língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 144 p.s, 1997.

_____. **pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 2001. 164p.

MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Cristina (orgs). **Introdução a linguística: domínios e fronteiras**. -2 ed.- São Paulo: Cortez, 2001.

PAIVA apud COELHO, Izete Lehmkuhl [et al.]. **SOCIOLINGUÍSTICA**.– Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, pg.135 2010. Disponível em http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf :

SÁ, Edmilson José de. **Estudos de variação linguística: o que é preciso saber e por onde começar**-São Paulo: Textonovo, 2007.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**.14º ed.: São Paulo: Brasiliense 1996.(Coleção primeiros passos,110).

UNIÃO, Diário Oficial da. Nº 43, quinta-feira, 4 de março de 2004. **Ministério da Cultura.** Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/480188/pg-7-secao-1diario-oficial-da-uniao-dou-de-04-03-2004/pdfView>.

ANEXOS